

AS PERSPECTIVAS DOS PAIS ATÍPICOS SOBRE O PAPEL DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NA INCLUSÃO DAS ESCOLAS REGULARES DE SÃO MIGUEL DO IGUAÇU

Bruna Scarpari Eidt*; Andreia Kukul Vogelmann**

*Acadêmica da Graduação em Terapia Ocupacional - UNIGUAÇU, brunaeidt97@outlook.com.

**Professora do curso de Terapia Ocupacional da FACULDADE UNIGUAÇU de São Miguel do Iguazu.

INFORMAÇÕES

Histórico de submissão:

Recebido em: 02 dez. 2024

Aceite: 30 out. 2025

Publicação online: dez. 2025

RESUMO

O estudo abordou as perspectivas de pais de crianças com necessidades educacionais especiais sobre o papel do terapeuta ocupacional na inclusão escolar em São Miguel do Iguazu, PR. Objetivou-se identificar as contribuições do TO, destacando práticas para inclusão e desenvolvimento. Foram coletados relatos de pais, explorando desafios, ganhos e percepções. A pesquisa qualitativa revelou que o TO desempenha papel essencial na adaptação do ambiente escolar, promovendo estratégias inclusivas, autonomia e integração dos alunos. As intervenções englobam atividades pedagógicas, sociais e AVD, demonstrando benefícios significativos no desenvolvimento e na participação ativa das crianças no contexto escolar regular.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Suporte Terapêutico, Desenvolvimento Infantil, TO.

ABSTRACT

The study addressed the perspectives of parents of children with special educational needs on the role of the occupational therapist in school inclusion in São Miguel do Iguazu, PR. The objective was to identify the contributions of OT, highlighting practices for inclusion and development. Reports from parents were collected, exploring challenges, gains and perceptions. Qualitative research revealed that OT plays an essential role in adapting the school environment, promoting inclusive strategies, autonomy and integration of students. The interventions encompass pedagogical, social and ADL activities, demonstrating significant benefits in the development and active participation of children in the regular school context.

Keywords: Inclusive Education, Therapeutic Support, Child Development, OT.

Copyright © 2025, Bruna Scarpari Eidt; Andreia Kukul Vogelmann. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citação: EIDT, Bruna Scarpari; VOGELMANN, Andreia Kukul. As perspectivas dos pais atípicos sobre o papel do terapeuta ocupacional na inclusão das escolas regulares de São Miguel do Iguazu. *Iguazu Science*, São Miguel do Iguazu, v. 3, n. 8, p. 08-14, dez. 2025.

INTRODUÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948, visa estabelecer os direitos básicos para todos, sem distinção, garantindo uma educação igualitária e gratuita para pessoas com deficiência (PCD) (SENNA, 2009)". A partir desse documento, foram criadas salas especiais em escolas regulares para apoiar a inclusão de alunos com deficiência. "Segundo (Fontes, 2009), as crianças com necessidades especiais enfrentaram discriminação ao

longo do tempo, mas conseguiram conquistar um olhar mais inclusivo da sociedade.

Neves (2017) explica que, inicialmente, esses alunos eram direcionados a instituições especializadas devido a deficiências neurológicas e motoras, sendo depois integrados ao ensino regular. Bianchetti (1995) descreve que, historicamente, a educação especial passou por fases assistencialistas e segregacionistas, com crianças deficientes afastadas do ensino regular. "Nas últimas décadas do século XX, com o apoio de movimentos de direitos civis e políticas

internacionais, houve uma mudança de paradigma em direção à inclusão educacional (Neves, 2017).

Esse novo enfoque exige adaptações curriculares, formação continuada de professores e o uso de recursos pedagógicos e tecnológicos para garantir o aprendizado e a integração de todos os alunos (Pagotti, Teixeira, 2005). Dessen e Polonia (2007) destacam que a família e a escola desempenham papéis educacionais complementares, com os responsáveis podendo colaborar diretamente no processo de inclusão.

Com relação à educação, a ECA prevê que os portadores de deficiência tenham atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (artigo 54, III). Essa disposição, além de garantir um atendimento adequado às necessidades da criança, busca evitar qualquer tipo de separação.

A educação escolar, apoiada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, reforça a necessidade de atender alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino (Brasil, 1996). A Resolução CNE/CEB nº 2 de 2001 também ressalta a importância de eliminar barreiras arquitetônicas e comunicacionais nas escolas para facilitar o acesso e a permanência dos alunos com deficiência (Brasil, 2001).

O TO tem um papel crucial na adaptação do ambiente escolar, criando estratégias que promovam a autonomia e integração desses alunos, como aponta (Borges, 2021). Os profissionais de saúde, em especial TO, estão cada vez mais presentes no ambiente escolar, ajudando a criar atividades que promovem a inclusão (Souto, Gomes, Folha, 2018).

A inclusão escolar, embora avançada, ainda enfrenta desafios, como apontado por (Silva, Gonçalves e Alvarenga 2012), que destacam a necessidade de políticas educacionais mais eficazes. Souto e Gomes (2018) investigaram a contribuição do TO na educação especial e concluíram que o trabalho colaborativo entre TO's e professores é essencial para o sucesso da inclusão escolar. Moreira (2016) e Marcelino (2013) "ressaltam a importância da colaboração entre escola e família para promover a inclusão, com o TO atuando como intermediário entre esses ambientes."

O TO, no ambiente escolar, tem um papel importante ao desenvolver estratégias para facilitar o brincar, as AVD's, e a acessibilidade, promovendo o potencial de crianças e adolescentes por meio de adaptações em mobiliários e materiais escolares. Esse suporte contribui para a socialização e adaptação dos alunos no contexto educacional, além de favorecer uma abordagem lúdica no aprendizado infantil, respeitando a diversidade e as necessidades individuais (Ferland, 2006; Rocha, Sant'Anna, Pelosi, 2007; Sant'Anna, 2016).

Na inclusão de crianças com deficiência motora, o TO atua junto à escola, à família e à comunidade para minimizar barreiras e melhorar o desempenho dos alunos. Ele coordena adaptações como rampas, sinalizações e assistências tecnológicas, tecnologias assistiva (por exemplo, uso de órteses e comunicação alternativa), além de sugerir recursos para a realização das AVD's. O terapeuta também propõe atividades de brincadeira adaptadas e atua na formação continuada dos professores para fortalecer o processo de inclusão e o desenvolvimento global das crianças (Toyoda *et al.*, 2007; Pozas, 2014; Sant'Anna, 2016).

Para que a inclusão escolar se torne efetiva, é necessário que o ambiente escolar esteja preparado para receber todos os alunos, independentemente de suas limitações. De acordo com Silva e Pereira (2020), "as adaptações no currículo e na estrutura física das escolas são fundamentais para garantir que os alunos com deficiência tenham acesso aos mesmos conteúdos e oportunidades que os demais."

Outro aspecto relevante para o sucesso da inclusão é o apoio da família no processo de escolarização dos alunos com deficiência. Segundo Benitez e Domeniconi (2014), "o envolvimento dos pais contribui para a adaptação da criança no ambiente escolar, uma vez que a família pode auxiliar a escola na implementação de estratégias específicas para cada aluno."

"A colaboração entre família, escola e profissionais de saúde, como o TO fortalece o processo inclusivo, possibilitando o desenvolvimento integral da criança e a superação dos desafios enfrentados no contexto educacional (Oliveira, Ribeiro, 2015)."

O objetivo deste estudo foi compreender como os pais de crianças com necessidades educacionais especiais percebem o papel do TO na inclusão escolar em escolas do Município de São Miguel do Iguaçu, PR.

METODOLOGIA

Este estudo, de natureza qualitativa e descritiva, foi conduzido no município de São Miguel do Iguaçu – PR, onde foi adquirido o contato dos pais em uma escola de modalidade especial que atende alunos com deficiências múltiplas.

Com a aprovação do comitê de ética, a coleta de dados ocorreu em outubro de 2024, por meio de entrevistas abertas realizadas presencialmente, em locais e horários acordados com os participantes via aplicativo whatsapp, onde quatro foram na casa dos participantes e outras duas foram em locais combinado pelo whatsapp, conforme o seu tempo disponível do entrevistado. O questionário explorou experiências das famílias no processo de inclusão escolar de seus filhos, focando em aspectos como desafios, estratégias de adaptação e o papel do T.O no apoio ao desenvolvimento dos alunos.

O presente trabalho da pesquisadora foi aceito pelo comitê de ética da faculdade Unioeste- Paraná, que se localiza na cidade de Cascavel do mesmo estado, a aprovação ocorreu no dia 27/06/2024. Com o número do CAAE 80358024.7.0000.0107, número do parecer 6.917.050. Após a aprovação, a pesquisadora pode estar indo a campo para as coletas de dados que se concedeu em um questionário com 11 perguntas abertas. As perguntas foram criadas pela pesquisadora, e ajustado conforme o estudo de “A inclusão escolar de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais: um olhar das mães” das autoras (Ferreira, Resende, Rosa, 2008).

Para garantir a segurança emocional dos participantes, foram implementadas medidas de respeito e confidencialidade, incluindo ficar anônimo na coleta de dados. Durante o estudo, foram adotadas práticas para minimizar possíveis desconfortos, como uma abordagem empática na condução das entrevistas e a possibilidade de desistência a qualquer momento sem prejuízo.

A pesquisadora esteve disponível para esclarecer dúvidas e assegurar a imparcialidade ao longo do processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da questão de número 1 até a questão de número 4, são dados demográficos, onde se procurou saber sobre quem iria responder o questionário, sexo da criança, idade do menor, turno que frequenta a escola regular. Da questão de número 5 até a questão 11 foi realizado uma abordagem mais abrangedora, com enfoque no assunto da pesquisa.

A primeira pergunta abordou o vínculo da pessoa/responsável pela criança, onde se constataram que a pesquisa foi respondida todas pelas mães. Assim, os dados mostram que as mães são as principais responsáveis por acompanhar o processo de inclusão.

A segunda pergunta identificou que a maioria das crianças é do sexo masculino com um total de quatro meninos sendo eles dois autistas com níveis 2 e 3 de suporte, e outras duas meninas com outras condições especiais sendo motora ou intelectual. A predominância de crianças do sexo masculino segue a tendência observada por Costa e Almeida (2017), que destacam a maior identificação de condições que requerem inclusão em meninos, como o autismo. Fatores genéticos e hormonais podem tornar os meninos mais suscetíveis a condições como o autismo. Além disso, há questões sociais e de diagnóstico. Meninos costumam apresentar sintomas mais evidentes ou estereotipados, o que facilita a identificação e o diagnóstico precoce.

Como resultado da terceira pergunta, verificou-se que a faixa etária das crianças variou de 4 a 7 anos, também é consistente com o trabalho de (Lima,

Andrade, Ferreira, 2019), que indicam que a busca pela inclusão escolar se intensifica nessa fase do desenvolvimento infantil, quando os desafios educacionais se tornam mais evidentes.

De acordo com Souza *et al.* (2019), incluir a criança com necessidades especiais no ambiente escolar é uma maneira de favorecer o desenvolvimento de suas potencialidades. Isso promove sua integração em todos os espaços sociais. Nesse contexto, a construção de processos pedagógicos que adotem uma nova abordagem de ensino para alunos especiais, desde a educação infantil, é fundamental.

Quando foi questionada em qual período a criança/aluno vai para a escola regular, constatou-se que, maior parte ao total quatro estuda no período matutino, e dois estudam no período vespertino, aos alunos que estudam no turno matutino, as mães destacaram um melhor rendimento físico e mental de suas crianças pela manhã. De acordo com Silva e Pereira (2020), a maior parte das crianças frequenta a escola no turno matutino, sendo o foco de atenção e concentração maior, o que pode estar relacionado a uma melhor adaptação de rotinas diurnas e à maior oferta de atividades pedagógicas durante esse período.

Pereira *et al.* (2022), ao avaliarem o crescimento de crianças do ensino fundamental matriculadas em uma escola pública no município de Macaé, RJ, concluíram que aquelas que frequentam a escola no turno matutino apresentam Índice de massa corporal (IMC) mais adequado para a idade/série.

Esse resultado é associado a fatores como rotinas alimentares e horários das refeições, prática de atividade física, ritmo circadiano e sono, e exposição à luz natural.

A quinta pergunta visava identificar, na opinião do entrevistado, quais as características que uma escola precisa ter para ser inclusiva. As mães responderam que é necessário: capacitação/formação adequada dos professores e equipe diretiva, melhorias na infraestrutura, tais como salas de aula e banheiros adaptados e rampas de acesso. Assim se dá por verídico com falas das mães dos entrevistados.

“Salas adaptadas, rampas de acesso, banheiro adaptados.” V E L F G.

“Professores capacitados, e uma boa equipe diretiva.” S A S G.

Segundo Mantoan (2006), a inclusão escolar não se limita à presença física de estudantes com deficiência nas escolas, mas envolve a adaptação da estrutura escolar e das práticas pedagógicas para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado. Nesse sentido, a capacitação dos professores e da equipe diretiva emerge como uma necessidade fundamental, uma vez que o preparo adequado possibilita a compreensão e a aplicação de metodologias que atendem à diversidade dos alunos (Sassaki, 2010).

Como ressaltado por Maia (2019), a escola inclusiva é aquela que se adapta aos alunos, e não o contrário, proporcionando um ambiente que respeite e valorize as diferenças.

Silva Neto *et al.* (2018), explicam que a educação inclusiva promove uma mudança nos valores da educação tradicional, exigindo o desenvolvimento de novas políticas e a reestruturação do sistema educacional. Para isso, é fundamental transformar o modelo educacional, que ainda é exclusiva e voltada para o atendimento de crianças dentro de padrões historicamente estabelecidos típicos.

Na sexta pergunta foi questionado sobre as evoluções no desenvolvimento da criança após o início da inclusão escolar, onde relataram: melhora no comportamento, fala concentração, coordenação motora, aprendizagem, socialização e atividades de vida diária (higiene e alimentação). Essas informações são consideradas verídicas com base nos relatos fornecidos pelas mães.

“Melhora na fala, realizando higiene pessoal sozinho, alimentação de forma independente.” M Tda S de C.

“Sim bastante, aumentou a socialização.” B de F D.

Esses resultados confirmam os benefícios de um olhar inclusivo para o desenvolvimento integral do aluno, conforme apontado por (Reis, Alves, Mendes, 2016).

A orientação para uma família atípica sobre o olhar de uma equipe multidisciplinar torna a inclusão escolar mais eficaz, esta é formada por especialistas como médico, TO, psicólogo, psicopedagogo e fonoaudiólogo (Soorya, Carpenter; Ghoroury, 2018). As intervenções proporcionam programas de educação especial, treinamento dos pais e técnicas de mudanças de comportamento, promoção das habilidades de linguagem/comunicação e interações sociais (Swaiman *et al.*, 2018).

Com relação ao sétimo questionamento, as mães foram concordantes em afirmar que outros pais/mães atípicos não hesitem em buscar a inclusão escolar de seus filhos. Com isso segue respostas de mães entrevistadas em relação à inclusão de seus filhos.

“Não pensar duas vezes tem que colocar melhor escolha.” M T da S de C.

“Não é uma tarefa fácil, mas o resultado é fantástico.” S A S G.

Isso evidência que, apesar dos desafios enfrentados, como a falta de recursos adequados e de profissionais especializados, como TO's, a inclusão traz benefícios significativos para o desenvolvimento infantil, reforçando a importância da perseverança dos pais. Segundo Reis, Alves e Mendes (2016), a inclusão escolar promove melhorias no comportamento, socialização e habilidades acadêmicas, transformando o ambiente educacional em um espaço de crescimento integral para a criança.

Essa percepção coletiva das mães entrevistadas também se alinha à análise de (Silva, Pereira, 2020), que destacam “a necessidade de apoio contínuo à família para que a inclusão se concretize de forma eficaz”. O envolvimento ativo dos pais, juntamente com o suporte multidisciplinar, fortalece o processo inclusivo e contribui para que as adaptações sejam efetivas e personalizadas, conforme (Benitez; Domeniconi (2014).

O incentivo de pais atípicos a outros em situação semelhante sugere que as experiências compartilhadas criam uma base de confiança e resiliência, sendo um motivo para a busca de ambientes escolares mais inclusivos e igualitários.

Na questão oito, as mães foram indagadas sobre o papel do TO no ambiente escolar. A maioria tem conhecimento das atividades desenvolvidas por esses profissionais, contudo, algumas afirmaram que a escola em que seus filhos frequentam não possui esse profissional no quadro de funcionários da instituição de ensino. Considera como verdade a partir dos relatos das mães.

“Família não tem conhecimento do assunto.” V E L F G.

“Na escola regular não tem esse TO somente na escola especial.” S A S G.

Uma das mães entrevistadas até citou o nome da profissional que atendeu seu filho na escola especializada, relatando o que ela explicou as orientações de como a inclusão iria decorrer. Essa questão demonstra a importância de um TO também nas escolas, acompanhando, realizando as adaptações necessárias, orientando os professores sobre questões específicas de cada deficiência ou síndrome.

Conforme pergunta de número nove. Onde foi questionado sobre a relevância do trabalho do profissional de TO, ocorreram poucas respostas compostas onde as mães confirmam verbalmente suas respostas.

“Sim.” S C da S.

“Sim o TO ele precisa trabalhar com os professores, e pais a escola regular não tem ideia do qual importante e o profissional.” M T da S de C.

Através das respostas das entrevistadas, mostraram que conhecem a relevância do trabalho do TO e a importância, como ele poderia contribuir muito mais para o desenvolvimento das crianças se ele atuasse também nas escolas. A falta de TO's nas escolas é um desafio já abordado por (Garcia, Souza, 2018), que ressaltam a necessidade de ampliar o acesso a esses profissionais para apoiar na adaptação dos alunos com limitações. A função do terapeuta é estar junto aos seus pacientes, para ajudá-los na execução de suas atividades, registrando o desenvolvimento e elaborando metas de intervenção (Borba, Barros, 2018).

Na décima pergunta, os entrevistados responderam que as principais abordagens do TO

quanto a inserção escolar de seus filhos foi relacionada à orientação familiar, na adaptação de materiais ou ainda de cadeiras. Com isso segue alguns relatos fornecidos pelas mães dos entrevistados.

“Teve orientação familiar, realizou uma cadeira adaptada”. S A S G.

“Explicação sobre a professora de apoio.” V E L F G.

Dados reforçados na literatura, que destaca a importância da parceria entre a escola, a família e o profissional de TO, para o sucesso da inclusão escolar, permitindo que os pais compreendam e apoiem as adaptações realizadas pelo profissional (Benitez, Domeniconi, 2014).

A décima primeira e última pergunta abordou a opinião dos entrevistados sobre o profissional de TO se houve colaboração com outros profissionais no contexto escolar. Para enfatizar melhor a questão segue algumas falas de mães destes alunos.

“Sim as ideias se encaixam.” M T da S de C.

“Sim o pessoal da escola especial realizou uma visita na escola regular para adaptação e orientação para os profissionais.” S A S G.

Esse suporte Inter profissional é crucial para o desenvolvimento de estratégias individualizadas, que atendam às necessidades específicas de cada criança. Dessa forma, o TO destaca-se como um facilitador no processo de inclusão, fornecendo subsídios para a adaptação curricular e para o desenvolvimento integral dos alunos com necessidades especiais (Borges, 2021).

CONCLUSÕES

Este estudo evidência as perspectivas dos pais atípicos sobre o papel do TO na inclusão das escolas regulares de São Miguel do Iguaçu. A pesquisa realçou os avanços em habilidades educacionais e sociais destes estudantes que realizaram a inclusão nas escolas regulares. Destacou-se também a importância do profissional de TO deste processo. Todavia a falta deste mesmo profissional no ambiente escolar regular ainda se torna a realidade no século XXI. As entrevistadas compreendem que o profissional é importante, mas com a falta do mesmo nas escolas e escassez de comunicação entre escola e família, não se tem muito conhecimento sobre o que o T.O fornece para o ambiente, mas, entretanto, possuem aprendizado, pois seus filhos frequentam uma escola de modalidade especial no município.

Conclui-se que o estudo foi positivo para a pesquisadora e o resultado se comprovou dentro das condições atuais, e como é de suma importância que ocorra um trabalho participativo de todas as partes para ter uma inclusão mais igualitária e que o papel do TO nas escolas ajuda a minimizar a angústia dos professores que se sentem despreparados para trabalhar com crianças inclusas, assim o profissional

poderá orientar, dar um suporte indispensável para os docentes e toda equipe diretiva, tornando a escola mais inclusiva.

REFERÊNCIAS

- BENITEZ, P; DOMENICONI, C. Capacitação de agentes educacionais: proposta de desenvolvimento de estratégias inclusivas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 03, p. 371-386, 2014.
- BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da educação especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 02, n. 03, p. 07-19, 1995.
- BORBA, M; BARROS, R. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção?** Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.
- BORGES, B. C. **Experiências formativas: caminhos percorridos na interface entre a terapia ocupacional e a comunicação alternativa em contexto escolar**. Ufscar, 2021.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, p. 27833-27841, 1996.
- COSTA, M; ALMEIDA, J. Educação inclusiva e desafios para a escola. **Revista Educação Especial**, v. 32, n. 1, p. 45-60, 2017.
- DESSEN, M. A. POLONIA, A. Educação e família: O papel da escola na inclusão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2007.
- FERLAND, F. **O modelo lúdico: o brincar e a criança com deficiência física e a terapia ocupacional**. São Paulo: Roca, 2006.
- FONTES, R. de S. **Ensino colaborativo: uma proposta de educação inclusiva**. Junqueira & Marin Editores, 2009.
- GARCIA, R; SOUZA, L. O papel do terapeuta ocupacional na inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, n. 5, p. 23-31, 2018.
- LIMA, P; ANDRADE, M; FERREIRA, C. A inclusão escolar de crianças com necessidades especiais: desafios e estratégias. **Cadernos de Pedagogia**, v. 12, n. 3, p. 67-81, 2019.

MAIA, A. L. **Inclusão escolar: desafios e perspectivas**. São Paulo: Ed. Vozes, 2019.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 5. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MOREIRA, L. R. *et al* MARCELINO. Atuação docente e inclusão escolar: um desafio para atender um aluno cego no curso de contabilidade. In: **Congresso Latino Americano de Humanidades**, 2013, 2016.

NEVES, L. R. Contribuições da Arte ao Atendimento Educacional Especializado e à Inclusão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 4, p. 489-504, 2017.

OLIVEIRA, P. M. R; RIBEIRO, P. de M. Facilitadores e barreiras no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educativas especiais: a percepção das educadoras. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. 2, p. 186-193, 2015.

PAGOTTI, A. W; TEIXEIRA, A. C. Inclusão escolar: o que dizem as professoras que trabalham em salas inclusivas. Comunicação - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep**, v. 1, n. 1, p. 28-42, 2005.

PEREIRA, L. de. L. S; CARDOSO, J. M. R. M; PINTO, C. B; SILVA, I. R; QUEIROZ, G. de. O. M; SILVA, T. P. da. Avaliação do crescimento de crianças escolares. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2022.

POZAS, D. **Criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil**. Rio de Janeiro: Senac, 2014.

REIS, S; ALVES, F; MENDES, G. A inclusão de alunos com deficiência na escola regular: uma análise dos benefícios e desafios. **Educação em Perspectiva**, v. 25, n. 4, p. 12-23, 2016.

RESENDE, Daniella Oliveira; FERREIRA, Patrícia Martins; ROSA, Suely Marques. A Inclusão escolar de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais: um olhar das mães. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 18, n. 2, 2010.

Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Diário Oficial da União, p. 39-40, 2001.

ROCHA, A. N. D; SANT'ANNA, M. M. M; PELOSI, M. **Terapia ocupacional: ações colaborativas no contexto escolar**. In: OLIVEIRA, J. P. et al. (Org.). Desenvolvimento infantil, na escola e inclusão: ações pedagógicas e intersetoriais. Curitiba: CRV, 2017. p. 141-160, 2007.

SANT'ANNA, M. M. M. **Formação continuada em serviço para professores da educação infantil sobre o brincar**. 2016. 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 4. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SENNA, C. S. B. D. **Direitos humanos das pessoas com deficiência**. In: SEMOC - Semana de Mobilização Científica. 2009.

SILVA NETO, A. de. O; ÁVILA, É. G; SALES, T. R. R; AMORIM, S. S; NUNES, A. K; SANTOS, V. M. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018.

SILVA, D; PEREIRA, L. Impactos da inclusão escolar no desenvolvimento infantil: uma revisão. **Psicologia e Educação**, v. 15, n. 2, p. 123-135, 2020.

SILVA, F. T; GONÇALVES, E. A. V; ALVARENGA, K. F. Inclusão do portador de necessidades especiais no ensino regular: revisão da literatura. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 24, p. 96-103, 2012.

SOORYA, L; CARPENTER, L; GHOROURY, N. **Diagnosing and managing autism**. 2018. Disponível em: <https://www.apa.org/helpcenter/autism.pdf>.

SOUTO, M. S; GOMES, E. B. N; FOLHA, D. R. S. C. Educação Especial e Terapia Ocupacional: análise de interfaces a partir da produção de conhecimento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 583-600, 2018.

SOUZA, R. F. da. S; BEZERRA, M. A. D; SILVA, R. I. P. da; SILVA, N. A. dos. S. A inclusão de crianças com deficiência nos anos iniciais do ensino fundamental. **VI CONEDU – Congresso Nacional de Educação**. 2019.

SWAIMAN, K; ASHWAL, S; FERRIERO, D; SCHOR, N; FINKEL, R; GROPMAN, A. **Swaiman's Pediatric**

Neurology. 6 ed. In: Hirtz D, Wagner A, Filipek P, Sherr E (ed.). *Autistic Spectrum Disorders*. Edinburgh: Elsevier. 2018.

TOYODA, C. Y. *et al.* O contexto multidisciplinar da prática da terapia ocupacional frente ao paradigma da inclusão escolar. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 121-130, 2007.